

# Quércia pode presidir o PMDB

Ricardo A. Setti \*



Um exercício interessante para os observadores do palco da política brasileira será acompanhar, daqui para a frente, o encaminhamento do futuro de um político que monopolizou boa parte das atenções durante a fase de aquecimento de motores da sucessão presidencial: o governador de São Paulo, Orestes Quércia.

Passada a convenção do PMDB que, em abril, acabou desembocando na escolha do deputado Ulysses Guimarães como candidato, Quércia curtiu uma fase de amargura e de desencanto, e aproveitou uma viagem oficial incolor, insípida e inodora à Europa Oriental para desanuviar a cabeça em campanha da mulher, Alaíde. Um homem extremamente reservado e calculista, o governador acabou confessando a colaboradores mais íntimos sua frustração por não ter montado o exuberante cavalo da candidatura que passou, encilhado, à sua frente. Na volta, especulava-se sobre qual seria sua escolha para continuar na política, e parecia certa sua desincompatibilização do governo a 15 de maio do próximo ano, para concorrer a uma cadeira no Senado ou na Câmara dos Deputados.

Semanas atrás, porém, Quércia surpreendeu anunciando, numa reunião do secretariado, que vai cumprir seu mandato até o último dia: 15 de março de 1991. Todos os auxiliares mais próximos do governador desmentem, unanimemente, que tanto a viagem como a decisão de não ser candidato no ano que vem tenham a ver com alguma doença de Quércia. O governador não mostrou nenhuma ficha médica para comprovar sua boa forma, como fazem os políticos americanos, limitando-se a brincar com o assunto e a desafiar repórteres a vencê-lo no *jogging*.

Na base da decisão de não mais ser candidato estaria uma reflexão sobre o futuro. "Ficar sem um mandato é ruim, mas não se o Quércia ficar com a presidência nacional do PMDB", lembra um secretário de Estado muito próximo ao governador. Por uma feliz coincidência que não deve ter passado despercebida a Quércia, os atuais estatutos do PMDB prevêem que a eleição do próximo comando do partido será, exatamente, em

março de 1991. O governador de São Paulo tem um óbvio cacife dentro do PMDB. E, quanto a Ulysses, o eterno presidente do PMDB não deverá ser obstáculo, depois do grau de empenho que Quércia tem demonstrado publicamente por sua claudicante candidatura à presidência da República. O mesmo secretário completa seu raciocínio: "Se o Fernando Collor ganha a eleição, ser presidente do PMDB é mais importante do que ser senador ou deputado. Collor vai ter que ter interlocutor no PMDB, que vai para a oposição, e o Quércia está se credenciando para isto."

Antes de anunciar publicamente sua decisão, o governador teve várias conversas. Uma delas foi com o vice Almino Affonso, de quem quis saber se assumiria ou não o governo nos 10 meses restantes de mandato, caso ele, Quércia, se desincompatibilizasse para concorrer ao Congresso. Almino, sobre quem pesam permanentes suspeições do grupo mais próximo a Quércia, mas que mantém publicamente uma atitude de lealdade ao governador, disse que não. E reiterou que ele próprio pretende disputar, no PMDB, a indicação para governador nas eleições do ano que vem. Quércia perguntou se essa decisão se manteria em qualquer hipótese. Almino retrucou que, em política, as coisas não são bem assim. Quércia anunciou, então, que pretendia ficar no Palácio dos Bandeirantes até o final do mandato, e perguntou a opinião do vice. A resposta de Almino foi que a decisão era boa para São Paulo e para o PMDB, mas que, politicamente, o governador iria perder. "Você deixa uma posição política e fica flutuando", opinou.

Houve, é claro, outras conversas. Com o pai, Octávio, que vive no interior, uma das poucas pessoas que o governador ouve e com quem mantém o hábito de conversar religiosamente todos os dias ao telefone. Com secretários de Estado de sua convivência mais próxima, como o da Fazenda, José Machado de Campos Filho, e o da Saúde, José Aristodemo Pinotti, apontados como aspirantes ao governo em 1990.

Das conversas com vários colaboradores saiu veneno contra Almino. "Quércia não tem nenhuma tranquilidade em deixar o governo com o vice, e isso pesou muito em sua decisão de ficar", assegura um desses interlocutores. Ao que parece, segundo outra fonte, o governador não ficou com plena certeza quanto aos planos de Almino, embora este já tenha dito, em conversas privadas: "O que são 10 meses de governo depois de uma vida inteira de luta política? Não

quero ficar só assinando papéis. Quero concorrer a um governo de verdade."

De todo modo, se Quércia voltar seus olhos para a captura do comando do PMDB, pretende ter como pano de fundo uma obra administrativa. "Como o estado está bem, tem dinheiro do ICMS engordando os cofres, ele quer partir para a chefia do partido e da oposição, com um grande governo por trás", diz um colaborador incorporado ao governo na reforma do secretariado feita no final do ano passado. De fato, Quércia está a todo vapor. Na última audiência entre os dois, ele recomendou a esse mesmo secretário: "Sinta-se como se você estivesse no quilômetro zero do governo. Quero ânimo em todo mundo."

Com um aperto de cintos na máquina do Estado de São Paulo, combinado com a melhoria na arrecadação e uma surpreendente capacidade de extrair dinheiro de fontes de financiamento cada vez mais avaras, como o Banco Mundial, o Banco Interamericano do Desenvolvimento e mesmo as agências do governo federal, o governador arranjou dinheiro. Fez pular para 3 bilhões de dólares o bolo de investimentos públicos em São Paulo em 1990, contra uma média histórica de 2,5 a 2,6 bilhões anuais no maior estado da União, e ataca em várias frentes: o metrô da capital, a duplicação de rodovias em vários pontos do interior, pesados investimentos (1 bilhão de dólares em quatro anos) na melhoria da malha ferroviária paulista, um ambicioso plano de municipalização da educação, um programa de casas populares — e por aí vai.

Esse é o quadro — por ora. "Tem muita gente que não está acreditando que o Quércia vá deixar de se candidatar ao Congresso", registra um auxiliar responsável por um dos maiores orçamentos do estado. Para ele, o anúncio de Quércia seria "uma maneira de dar uma disciplina na turma", para evitar a desmobilização característica da fase final de um governo. Segundo este raciocínio, Quércia ainda não estaria excluindo a hipótese de deixar o governo paulista, mas só anunciaria a decisão de candidatar-se ao Congresso em cima do prazo de desincompatibilização. O governador, como se sabe, é um entusiasta do truque, um jogo de cartas muito apreciado pelos descendentes de italianos, cuja principal característica é a permanente dissimulação como forma de derrotar os adversários. Esse dado deve ser levado em conta.

\* Editor regional do JORNAL DO BRASIL em São Paulo